

ALBERT MEYER foi tomado de um pressentimento assim que viu o comunicado cor-de-rosa do banco. Aos 44 anos, era professor de Contabilidade na Universidade de Spring Arbor, Michigan, e, naquela úmida manhã de agosto de 1993, trabalhava na secretaria da universidade. Sobre sua mesa estava o extrato de conta de uma pequena escola de artes liberais, referente ao mês de julho.

O papel indicava a Meyer, que

acumulava suas funções com as de contabilista da universidade, que fora efetuada uma transferência de 294 000 dólares da conta da escola para uma fundação chamada Heritage of Values. Para uma escola com um orçamento de apenas 5,5 milhões de dólares, era uma soma muito elevada.

Meyer não encontrou a Heritage of Values na lista nacional de fundações. Uma das angariadoras de fundos da universidade explicou-lhe:

NA PISTA DE UM VIGARISTA

A fraude financeira parecia óbvia. Mas foi aquele professor de uma pequena universidade quem primeiro se preocupou com ela.

PETER MICHELMORE



«A Heritage of Values é uma pequena fundação de Nova York, através da qual canalizamos nosso dinheiro. Ele passou para a Foundation for New Era Philanthropy, que garante a duplicação do investimento.»

Em sua opinião, a New Era, sediada em Radnor, Pensilvânia, distribuía dinheiro por benfeitores anônimos. Se uma instituição não lucrativa arranjasse determinada soma a partir de doadores externos (como era o caso da Universidade de Spring Arbor), os benfeitores a duplicariam.

«É uma espécie de subvenção», disse Meyer. As fundações utilizam vulgarmente esse tipo de coisa, na qual a organização pede um subsídio de modo a corresponder aos fundos angariados.

«Exatamente», disse a angariadora. «Só é estranho o fato de termos de esperar seis meses antes que a New Era faça a duplicação correspondente.» Meyer sentiu um alarme disparando dentro da cabeça. «O dinheiro é investido em obrigações do Tesouro durante esse período e os juros servem para cobrir os custos da fundação.»

Ponzi! A palavra ecoou no cérebro de Meyer. Charles Ponzi fora o autor de uma das mais escandalosas fraudes financeiras da história. Pouco depois da Primeira Guerra Mundial, ele convencera um grupo de inocentes habitantes de Boston a confiar-lhe vários milhões de dólares. «Dêem-me o seu dinheiro», dizia-lhes, «e eu o devolverei em 90 dias, com um juro de 50%.»

Ponzi utilizava o dinheiro dos novos investidores para pagar àqueles cujo prazo vencia. Contudo, na maior parte dos casos, os investidores preferiam juntar os ganhos e deixar tudo nas mãos de Ponzi, esperando assim obter ainda mais lucros. Quando o gigantesco esquema implodiu, milhares de pessoas perderam suas economias. «Se a New Era é legítima», perguntava-se Meyer, «por que estará montada como um esquema de Ponzi?»

Quando sua mulher, Melenie, foi buscá-lo nessa tarde, ele contou-lhe suas suspeitas. «Parece loucura», observou, «mas acho que a faculdade caiu numa vigarice.»

Contratado havia apenas dois anos para preparar o programa de Contabilidade da universidade, Meyer, sua mulher e os três filhos do casal tinham se mudado da África do Sul para Spring Arbor. Ele se sentia particularmente orgulhoso por viver na América. «Espero que possamos contribuir com algo de verdadeiramente significativo», dissera ele a Melenie.

No dia seguinte, Meyer foi informado pelo diretor das Fundações da Pensilvânia que a New Era tinha estatuto de obra de caridade, e não de fundação, o que significaria que trabalhava com base em fundos recebidos. «Esses fundos são declarados como provenientes de doadores anônimos e de juros», pensou Meyer. «Mas talvez não seja assim...»

Comunicou suas preocupações a Janet Tjepkema, vice-presidente da Universidade de Spring Arbor a quem cabiam os assuntos financeiros. «A

verdade», disse-lhe Meyer, «é que concedemos à New Era um empréstimo a seis meses sem qualquer garantia.»

«A New Era tem cumprido suas promessas», respondeu Janet. «E temos conhecimento de outras escolas e obras de caridade que obtiveram lucros com eles.»

O contabilista ficou matutando naquilo. Compreendia por que razão a New Era se concentrara na comunidade cristã: a confiança mútua era praticamente automática. Para além disso, as entidades cristãs estavam freqüentemente em contato umas com as outras, divulgando assim o engodo da duplicação do investimento.

Janet Tjepkema informou Meyer que a New Era era dirigida por John G. Bennett Jr., de 57 anos, que gozava de reputação impecável nos círculos filantrópicos de Filadélfia. Era diretor dos Templeton Funds e pertencia ao conselho de administração de três obras de caridade.

«Mesmo assim, temos de inspecionar os extratos da New Era», disse Meyer.

«Se os perseguirmos com exigências, eles deixarão de trabalhar conosco», replicou Janet.

Perplexo, Meyer voltou ao seu gabinete. A transação tivera de ser aprovada tanto pelo reitor da universidade como pelos membros do conselho de administração — todos astutos dirigentes corporativos ou especialistas em investimentos. «Por que confiariam tanto em Bennett?», perguntava-se Meyer.

«Interferir significa colocar meu

emprego em risco», disse ele a Melenie nessa noite. «Sou um professor de contrato, com um visto de trabalho de três anos limitado à Universidade de Spring Arbor.»

Melenie olhou o marido. Lembrava-se que seus colegas na África do Sul diziam que ele era um «auditor nato». Nunca deixava nada a meio. Em 15 anos de casamento, nunca o vira desistir de tentar corrigir algo que não estivesse bem. Uma de suas frases favoritas era: «A luz do dia é um excelente desinfetante.» Melenie pensou que, se se tratasse realmente de um esquema de Ponzzi, a Fundação New Era Philanthropy encontrara um adversário à altura.

Numa manhã gelada de fevereiro de 1994, Janet Tjepkema apareceu no gabinete de Meyer. «Recebemos o reembolso duplicado da New Era», disse ela, acenando com um cheque.

«Mas ganhamos mesmo alguma coisa?», perguntou ele. «O passo seguinte é aumentarmos a quantia duplicada, reinvesti-la toda e...»

Interrompeu-se. Estaria exagerando? Em seu íntimo, Meyer esperava estar enganado.

Durante várias semanas, refletiu angustiadamente no que deveria fazer. Por fim, escreveu a Glenn White, presidente do conselho de administração da universidade, comunicando suas dúvidas. Os extratos da New Era deviam ser atentamente examinados antes que a faculdade lhes confiasse mais dinheiro.

White não acusou a recepção da carta, mas seu filho, Chuck, amigo e colega de Meyer, disse-lhe mais tar-

de: «Papai acha que você levantou algumas questões pertinentes.»

Meyer sentiu-se ainda mais encorajado em maio, quando Glenn White, o reitor Allen Carden e o vice-presidente encarregado da angariação de fundos, Neil Veydt, foram visitar a New Era. Um dos gestores da fundação deu-lhes boas notícias: a Universidade de Spring Arbor fora aprovada como investidor, sendo-lhe permitido procurar duplicar até 1 milhão de dólares por ano durante os três anos seguintes. A única condição era que a faculdade garantisse essas quantias. Se falhasse, a New Era deixaria de trabalhar com eles. Os visitantes impressionaram-se: longe de solicitar fundos, a New Era mostrava ter padrões de exigência.

De regresso a Spring Arbor, Carden disse a Meyer: «Sei que teve dúvidas, mas penso que estava errado. Estes investimentos são um maná de Deus.»

Nesse outono, os deveres de contabilista de Meyer foram reduzidos devido à dureza de seu horário de ensino. Só mais tarde soube que a faculdade enviara à New Era 400 000 dólares em outubro e 500 000 em dezembro.

Denunciar Bennett passou a ser uma questão pessoal para Meyer. Telefonou a Steve Stecklow, colaborador de *The Wall Street Journal*. «Não posso provar nada», disse Meyer, «mas tenho a certeza que minha faculdade foi apanhada num esquema de Ponzi.»

«Fale-me de novo quando tiver mais informações», sugeriu Stecklow.

«Estou sozinho nesse assunto», pensou Meyer ao desligar. Recordou-se de São Paulo e de seus alertas aos marinheiros antes de partirem para Roma; os marinheiros ignoraram-no e a galera foi destruída numa tempestade. «A menos que eu interrompa esse esquema», pensou, «também nós naufragaremos.»

Enquanto isso, Meyer montava o programa contabilístico de Spring Arbor e atraía cada vez mais estudantes. Em meados de março de 1995, a faculdade integrou-o nos quadros permanentes. «Agora nada me impede de acabar com a New Era», disse ele a Melenie.

Alguns dias mais tarde, Meyer escreveu ao IRS (o imposto de renda americano), explicando que a New Era devia ser investigada. Também lhes pediu cópias das declarações fiscais da obra de caridade. Em seguida, telefonou ao Conselho Evangélico de Contabilidade Financeira, sediado na Virgínia.

O diretor aconselhou-o a contactar Gregory Capin, um prestigiado contabilista de Indianápolis, cuja firma tinha 12 clientes que investiam na New Era. «É preocupante», concordou Capin. «A New Era está recebendo grandes quantidades de fundos. Ouvimos dizer que é uma verdadeira avalanche de dinheiro que entra.»

Além disso, Capin obtivera cópias das declarações fiscais de 1993 da New Era. «Não há vestígios dos milhões de dólares em dinheiro de clientes que a New Era diz que investe», disse ele.

«Vou denunciá-los», declarou Albert Meyer.

«Faz bem», disse Capin. «Vou pô-lo em contato com um membro das Seis Grandes que talvez possa ajudar.»

O coração de Meyer disparou. Em seu mundo, um membro de uma das Seis Grandes firmas de contabilidade era uma superestrela. Quando lhe telefonou, ele concordou auxiliá-lo desde que seu nome não fosse a público. «Fui proibido de fazer o que quer que fosse», disse ele. «Quando comecei a fazer perguntas sobre a New Era, eles me fizeram sentir como se estivesse dizendo palavras numa igreja.»

Meyer compreendeu, por fim, por que razão a New Era não fora submetida a qualquer análise séria. Era óbvio que outros contabilistas tinham também suspeitado da existência de um esquema, mas seus avisos tinham caído em saco roto, e eles nada mais tinham feito.

A 20 de março, Meyer reuniu-se com Carden, Veydt e Janet Tjepkema no gabinete do reitor e transmitiu-lhes sua conversa com Capin. «Isso é um sinal vermelho», disse Veydt. «Nós planejamos enviar mais 1 milhão de dólares à New Era ainda hoje.» Ante o susto de Meyer, Veydt acrescentou que telefonara à Procuradoria-Geral da República, em Harrisburg, Pensilvânia, e lhe fora dito que não havia nada contra a New Era.

«Isso é uma garantia pela negativa», replicou Meyer. «Não tem significado.» Passou mais de uma hora apresentando seu caso. Por fim, pe-

diu: «Não façam nada sem falarem com Capin e o membro das Seis Grandes.»

«Fez seu trabalho, Albert», disse Carden, «e nós lhe agradecemos.»

Correndo pelas escadas no exterior do edifício, Meyer tinha vontade de pular de alegria. «Acabo de poupar 1 milhão de dólares à faculdade!», disse a um colega.

Mais tarde, na mesma semana, encontrou Chuck White. «Meu pai disse que enviaram 1 milhão de dólares à New Era», disse Chuck. Meyer sentiu-se atordoado.

No entanto, poucos dias depois, estava de novo em contato com Stecklow. Disse-lhe: «Bennett fascinou todo mundo.» O repórter prometeu falar com Capin e o membro das Seis Grandes.

Nessa mesma tarde, ele telefonou a Meyer: «Albert, você me deu minha próxima reportagem.»

No fim de março, o professor de Contabilidade recebeu do IRS uma cópia da declaração fiscal da New Era referente a 1993. A obra de caridade declarava um rendimento de 41,3 milhões de dólares e subvenções no valor de 34,5 milhões, com menos de 32 000 dólares de compromissos. No entanto, seus verdadeiros compromissos — a obrigação de duplicar o dinheiro dos novos investidores — atingiam milhões. A obra de caridade considerava todo o dinheiro recebido como sendo seu.

Meyer considerou um número particularmente decisivo: os juros recebidos não ultrapassavam os 34 000 dólares. «É puro Ponzil!», pensou. «To-

do o dinheiro que entra é utilizado para pagar os compromissos vencidos.» Os investidores incluíam o United Theological Seminary, o Wheaton College, o Franklin Institute de Filadélfia e a Nature Conservancy. O esquema atraía centenas de entidades.

Meyer escreveu à Comissão de Títulos e Câmbios (sigla, em inglês, SEC) e pediu uma investigação. A 27 de abril, recebeu uma chamada da SEC e comunicou o caso ao auditor.

Na segunda-feira 1 de maio, Carden recebeu um cheque de Bennett no valor de 800 000 dólares: a duplicação da quantia investida pela faculdade em outubro anterior. Com o cheque na mão, Carden enviou um memorando à Faculdade de Gestão. Nele dizia que tanto o reitor como os membros do conselho de administração estavam convictos que a New Era era honesta. O que mais magoou Meyer foi a última frase: «Ceticismo saudável e questões pertinentes são sempre apreciados; mas o excesso de zelo é muitas vezes contraproducente.»

Na reunião seguinte, os membros do conselho de administração discutiram um orçamento de 4 milhões de dólares para uma nova biblioteca. Metade dessa quantia deveria provir da duplicação de fundos garantida pela New Era.

Na quinta-feira seguinte, 11 de maio, Steve Stecklow esperava fora do gabinete de Meyer, em Radnor. O repórter falara com vários clientes satisfeitos da New Era. Bennett

prometera revelar a identidade dos benfeitores anônimos durante uma entrevista.

No entanto, quando Stecklow o pressionou para obter alguns nomes, Bennett respondeu-lhe que já falara com vários. «Isso para mim é novidade», declarou o repórter. Ele apenas havia falado com investidores que procuravam duplicar seus investimentos.

Stecklow saiu da breve entrevista com a forte suspeita de que os benfeitores anônimos não passavam de ficção. Ouviu depois dizer que a Prudential Securities acabara de processar a New Era e Bennett por 44,9 milhões de dólares de empréstimos não regularizados. Como garantia, Bennett dera a conta onde a Spring Arbor e tantos outros tinham despedido seu dinheiro. Stecklow pegou um avião para Boston e escreveu sua história.

Sábado, dia 13 de maio; Bennett reuniu seu pessoal. Tinha os ombros caídos, os olhos vermelhos. Não fez qualquer preâmbulo que amortecesse o golpe. «Traí vocês todos», disse. «Não há benfeitores anônimos.» Um a um, os colaboradores começaram a chorar. «Tudo o que eu queria era ajudar as pessoas», acrescentou Bennett, soluçando também. Mais tarde, nesse mesmo dia, dois advogados da New Era informaram o pessoal que a obra de caridade ia declarar falência.

Stecklow nada sabia da confissão de Bennett, mas tinha provas suficientes para escrever que a New Era correspondia provavelmente a um

esquema de Ponzi. Também sabia que a SEC estava fechando o cerco. Seu artigo sobre o caso sairia segunda-feira. O repórter passou o domingo dominando seu desejo de contar tudo a Meyer, mas isso seria violar a política do jornal. Às 19 horas, decidiu telefonar de qualquer modo. «Você é um herói, Albert», disse ele. «Compre o jornal de amanhã.»

Imensamente aliviado, Meyer abraçou Melenie. «Conseguimos!», berrou.

Uma semana depois, 2000 pessoas se reuniram na Igreja Metodista Livre para a cerimônia de atribuição dos diplomas de Spring Arbor. Exibindo um exemplar de *The Wall Street Journal*, Carden disse: «Nosso colega tem sido notícia devido ao assunto da New Era: foi ele quem descobriu o que eles realmente eram e os denunciou. O artigo chama-se *Unlikely Hero* (Herói Improvável). Mas aqueles de nós que conhecem Albert discordarão do termo 'improvável'.»

O público levantou-se e ovacionou Meyer. De pé diante da multidão, o professor sentiu-se invadido por uma onda de orgulho — não

por si próprio, mas pelos ideais que sustentara e transmitira aos filhos. «Não sigam o rebanho», dizia-lhes Albert Meyer. «Custe o que custar, façam o que sabem que está certo.»

A SEC processou a New Era e John Bennett por fraude financeira generalizada, considerando sua conduta «inadmissível». Bennett foi também acusado de desviar 4,2 milhões de dólares das contas da New Era para seus negócios particulares. Como um dos investigadores viria a dizer: «Bennett defraudou a confiança de centenas de investidores. E muitas das vítimas eram particularmente vulneráveis: entidades não lucrativas e obras de caridade.»

Os contabilistas do tribunal de contas calculam que centenas de contribuintes da New Era perderam mais de 100 milhões de dólares. Entre estes, encontravam-se filantropos como Laurance Rockefeller, o antigo secretário do Tesouro, William Simon, e o antigo presidente da Goldman Sachs, John Whitehead. O prejuízo da Spring Arbor esteve perto dos 900 000 dólares, cuja recuperação a universidade está tentando negociar com a comissão de falência da obra de caridade.

Apetite satisfeito

CERTA noite, uma forte tempestade elétrica se abateu sobre a cidade de Regina, enquanto eu trabalhava num hospital de reabilitação. Quando a corrente foi cortada, os geradores de emergência começaram a trabalhar. Curiosa por saber o que seria considerado essencial, dei uma volta pelo hospital. Estavam funcionando três coisas: as luzes da despensa, o ventilador do teto da cozinha e a máquina dos refrigerantes.

— Carol Ferguson, Canadá